

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELENO MARQUES DE ARAÚJO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELENO MARQUES DE ARAÚJO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Eleno Marques de Araújo
Elisângela Maura Catarino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Eleno Marques de Araújo, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-390-3

DOI 10.22533/at.ed.903201609

1. Filosofia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Araújo, Eleno Marques de. III. Catarino, Elisângela Maura.
CDD 100

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Há três métodos para ganhar sabedoria: primeiro, por reflexão, que é o mais nobre; segundo, por imitação, que é o mais fácil; e terceiro, por experiência, que é o mais amargo”. (Confúcio)

Caríssimos leitores, fazemos chegar até vocês o livro – Reflexões sobre Temas e Questões em Áreas afins à Filosofia. Uma obra que reúne textos de autores de vários estados e instituições do Brasil, que tem como foco promover o diálogo e a reflexão filosófica. A leitura filosófica é viva e contempla em seu arcabouço temas como: virtude, verdade, democracia, emancipação, política, racionalismo, normalização, humanidade, liberdade entre outros.

A obra é composta por 11 trabalhos que materializam estudos que foram desenvolvidos em contextos diversos e que colocam no centro das discussões, o intercruzamento de teóricos e temas que são ricos e caros para Filosofia e para Ciências Humanas de modo geral. Entre eles podemos citar: Adorno – educação emancipadora; Karel Kosik – e a dialética concreta; Freire e Nietzsche – com a transversalização da educação bancária; Foucault – exercício de si, entre outros.

Nos textos desta obra, a “linguagem é vazada em metáforas e retóricas, e é dessa forma heterogênea, que a escrita filosófica lança mão, conscientemente ou não”¹. Com isso, a obra, acaba sendo um convite à emersão ao mundo do conhecimento e da sabedoria, perpassados pelos ‘discursos’, ‘reflexões’ e ‘questões’ filosóficas.

Diante o exposto, desejamos a todos vocês uma excelente leitura.

Dr. Marcelo Máximo Purificação

Dr. Eleno Marques de Araújo

Dra Elisângela Maura Catarino.

1. COSTA, G. G. A escrita filosófica e o drama do conhecimento em Platão. Miolo Archai 11-1, indd, 2013,p.11.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A TEORIA CRÍTICA DA ESCOLA DE FRANKFURT E A EDUCAÇÃO EMANCIPADORA EM ADORNO	
Jonathan Junges	
Everton Silva Silveira	
Tiago Anderson Brutti	
DOI 10.22533/at.ed.9032016091	
CAPÍTULO 2	8
A CRISE DA VERDADE NA NEGAÇÃO DE OUTREM: TESE E ANTÍTESE NOS ARGUMENTOS ARISTOTÉLICOS DA ESCRAVIDÃO NATURAL, E SEUS POSSÍVEIS RESQUÍCIOS NA ATUAL DEMOCRACIA	
Wanderson Carlos Lisboa Maia	
DOI 10.22533/at.ed.9032016092	
CAPÍTULO 3	18
A DIALÉTICA DA TOTALIDADE CONCRETA DE KAREL KOSIK	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.9032016093	
CAPÍTULO 4	32
A RELAÇÃO DO ARTIVISMO COMO ANTI-ESTRUTURA EM TURNER E ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA EM FOUCAULT, NUMA CONCEPÇÃO DE ARTE CONTRA O ESTADO; ROMPENDO COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS REPRESENTATIVOS E INSTITUCIONAIS QUE CARREGAM CONSIGO O PROBLEMA DO RECONHECIMENTO E A FALTA DX OUTRX NA RESISTÊNCIA CONTRA O ESTADO	
Bartira Dias de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.9032016094	
CAPÍTULO 5	45
A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DIFERENÇA: REFLEXÕES SOBRE POLÍTICAS INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO E SUAS PRÁTICAS DE GOVERNO	
Sandra Cristina Moraes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9032016095	
CAPÍTULO 6	59
FREIRE, NIETZSCHE E A TRANSVALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA	
Pablo Michel Barcelos Pereira	
Williams Ferreira Portela	
Marcelo Peres Geremias	
DOI 10.22533/at.ed.9032016096	
CAPÍTULO 7	66
MICHEL FOUCAULT E O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: O COABITAR PROBLEMAS COMO UM EXERCÍCIO DE SI	
Daniel Salésio Vandresen	
DOI 10.22533/at.ed.9032016097	

CAPÍTULO 8	77
FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA UBUNTU: AFROPERSPECTIVAS E O HUMANISMO AFRICANO Kellison Lima Cavalcante DOI 10.22533/at.ed.9032016098	
CAPÍTULO 9	86
MATERIALISMO HISTÓRICO: O PROBLEMA DA NECESSIDADE E CONTINGÊNCIA Lutiero Cardoso Esswein DOI 10.22533/at.ed.9032016099	
CAPÍTULO 10	95
NOTA SOBRE A CRIAÇÃO FILOSÓFICA NA SOCIOPOÉTICA – ALGUNS CRUZAMENTOS INTERCULTURAIS Jacques Gauthier DOI 10.22533/at.ed.90320160910	
CAPÍTULO 11	108
RANCIÈRE E A EFICÁCIA POLÍTICA DA LITERALIDADE Joelson Silva de Araújo DOI 10.22533/at.ed.90320160911	
SOBRE OS ORGANIZADORES	114
ÍNDICE REMISSIVO	116

CAPÍTULO 10

NOTA SOBRE A CRIAÇÃO FILOSÓFICA NA SOCIOPOÉTICA – ALGUNS CRUZAMENTOS INTERCULTURAIS

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 24/05/2020

Jacques Gauthier

Professor aposentado do Ministério da
Educação Nacional da França
Doutor em Ciências da Educação
Salvador – Bahia
[http://buscatextual.cnpq.br/Jacques henri
maurice gauthier](http://buscatextual.cnpq.br/Jacques%20henri%20maurice%20gauthier)

RESUMO: Após revisitar a elaboração filosófica favorecida pela Sociopoética devidamente apresentada (problemas, *confetos*, *intuicetos*, *sensacetos* e personagens conceituais), o autor cruza a criação sociopoética ilustrada por trechos de uma pesquisa em Educação ambiental com as invenções culturais de resistência à colonização dos indígenas Huni Kuin (Kaxinawá) e seus principais conceitos. Daí sai uma nova concepção dos devires, híbridos, diferentes dos devires encontrados em Deleuze e Guattari, que são mais puros, mas também, presos numa lógica binária tipicamente eurodescendente. Para finalizar, o binarismo e até, as polaridades, encontram sua extinção no “devenir-vacuidade”, o silêncio da vacuidade e do surgimento interdependente de todos os seres, numa visão decolonial espiritualizada, transpessoal, amorosa e revolucionária da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Sociopoética; Interculturalidade; Huni Kuin; Filosofia da pesquisa.

NOTE ON PHILOSOPHICAL CREATION IN SOCIOPOETICS - SOME INTERCULTURAL CROSSINGS

ABSTRACT: After revisiting the philosophical elaboration favored by the duly presented Sociopoetics (problems, *confets*, *intuicets*, *sensacets* and conceptual characters), the author crosses the sociopoetic creation illustrated by excerpts from a research in Environmental Education with the cultural inventions of resistance to the colonization of the indigenous Huni Kuin (Kaxinawá) and its main concepts. Hence a new conception of becomings, hybrids, different from the becomings found in Deleuze and Guattari, which are purer, but also stuck in a typically Eurodescending binary logic. Finally, binarism and even polarities encounter its extinction in “becoming-emptiness”, the silence of emptiness and the interdependent emergence of all beings, in a spiritualized, transpersonal, loving and revolutionary decolonial vision.

KEYWORDS: Sociopoetics; Interculturality; Huni Kuin; Philosophy of Research.

Não se esqueçam de dançar!

Entoem bem, sem se enganar,

Os cantos que Tupã lhes inspirou.

Se não coletarem esses cantos,

Se não tiverem paciência,

Se a perseverança lhes faltar,

Se não tiverem paciência com seu próprio corpo,

Então vocês não adquirirão a força.

Os Gêmeos Sol e Lua,

1 | A SOCIOPOÉTICA

A profunda originalidade da Sociopoética (ver Gauthier, 2012) é de transformar o grupo-pesquisador em filósofo coletivo, com a elaboração de *problemas* originais, a criação de *confetos*, *intuicetos* etc. e a identificação do *personagem conceitual* manifestando-se em nós, grupo-pesquisador. Problemas, conceitos e personagens conceituais permitem definir a atividade filosófica segundo Deleuze e Guattari (1992), e Gauthier introduzi noções mais amplas como confeto ou intuiceto.

A Sociopoética é caracterizada por cinco orientações básicas:

1. A criação de um *grupo-pesquisador*, autor coletivo da pesquisa, como se fosse um filósofo emergente percorrido de diferenças, contradições, linhas de fuga... os pesquisadores acadêmicos são apenas facilitadores da pesquisa.
2. A valorização das culturas colonizadas e de resistência na leitura dos dados de pesquisa (por exemplo por um pajé ou uma mãe-de-santo), e até, na sua produção, na perspectiva da dialogicidade crítica segundo Paulo Freire com a leitura acadêmica.
3. A mobilização de todas as capacidades de conhecer que possui o corpo (sentidos, emoções, intuição, razão prática e razão teórica).
4. O uso de técnicas artísticas de produção de dados, que facilitam a expressão dos saberes inconscientes do grupo-pesquisador.
5. A propriedade intelectual da pesquisa pelo grupo-pesquisador, que não pode ser explorado cognitivamente pela academia.

Metodologicamente, os passos de uma pesquisa sociopoética são os seguintes: negociação com a instituição ou movimento anfitrião da pesquisa. Criação do grupo-pesquisador a partir de jogos liberando as interações, explicitação do tema gerador e do decorrer da pesquisa. Dentro de um relaxamento dos corpos, produção de dados, os copesquisadores (membros do grupo-pesquisador) não podendo conhecer antecipadamente a pergunta feita, para a resposta surgir do inconsciente, sem censura racional. Imediatamente, produções artísticas individuais. Na mesma sessão, ou numa sessão posterior, socialização e análise das criações “na hora”, pelo grupo. Depois, o(s) facilitador(es) estudam “em casa” os dados produzidos, como se fossem de um pensador só, evidenciando diferenças, contradições, linhas de fuga, alianças etc. Numa outra sessão, eles apresentam aos copesquisadores as “conclusões hipotéticas” desse estudo, sob forma de problemas, confetos etc., e o grupo-pesquisador vai validar ou não essas conclusões, ampliá-las (geralmente esse momento é extremamente rico), rizomatizar.

Recomendamos duas técnicas diferentes (cada técnica favorecendo a emergência

de certo tipo de dados) para uma pesquisa de mestrado, e três para um doutorado. No fim da pesquisa, é bom realizar entrevistas individuais ou em pequenos grupos direcionadas para a compreensão da originalidade e singularidade do aporte de cada membro do coletivo. Identificamos antes de nos separar o personagem conceitual que se expressou através da nossa pesquisa.

Fica na responsabilidade do pesquisador acadêmico cruzar essa pesquisa com as suas leituras teóricas, apontando o que aprendeu que nunca autor tinha pensado antes.

21 ALGUMAS PONTUAÇÕES FILOSÓFICAS

O *problema* aparece no grupo-pesquisador não como mera dificuldade da vida (“tenho um problema”), o que seria pouco filosófico, mas como dificuldade no pensamento: contradição, paradoxo, obstáculo encontrado no próprio tema gerador da pesquisa (que obviamente, pode se traduzir em problema na vida, principalmente, na nossa vida institucional). Vou dar um exemplo: o/a “educador/a ambiental” como tema-gerador revelou-se na pesquisa (a partir da pergunta: “Quem é o/a educador/a ambiental”) como grávido de uma problemática filosófica de quatro pontas: a natureza exterior, minha natureza íntima, a instituição acadêmica e a comunidade acolhedora das nossas práticas.

- Substituímos a noção de “conceito” pela noção de “confeto” (conceito carregado de afeto). Temos muitas razões válidas para fazer isso, entre elas o fato de que as pessoas geralmente não pensam sem dar uma cor afetiva muito forte a seu pensamento, assim como os resultados das pesquisas em ciências cognitivas mostrando que sem afeto é simplesmente impossível pensar. O confeto se adapta muito bem a uma apresentação em forma de rizoma, pois, na pesquisa evidenciam-se elos entre esferas bastante heterogêneas da vida, diretamente expressas pelo grupo-pesquisador enquanto singularidade percorrida de várias tensões, ressonâncias, alianças e conflitos, divergências e convergências... Todas as pesquisas sociopoéticas criam com alegria tais confetos rizomáticos. Sua principal qualidade é a ligação entre áreas heterogêneas do existir, em boa conformidade com a noção de “rizoma” em *Mille Plateaux* (Deleuze e Guattari, 1980). Às vezes, o grupo-pesquisador cria palavras-malas, uma palavra só sintetizando duas ou três outras, como encontramos muito na psicanálise “Interpretação dos sonhos”. É bom reler como Deleuze e Guattari falam do “conceito” em termos de *ritornelo*, ou seja, da definição, pelo canto do pássaro-filósofo, dos limites de um território protetor à abertura de suas fronteiras a movimentos de ida e vinda, de exploração rizomática desterritorializante e de construção de “máquinas de guerra” semióticas revolucionárias. Nossos confetos sociopoéticos cantarolam sua pequena canção “CRICRI”, criativa-crítica.

No amadurecimento da sociopoética apareceram novas misturas finas. Sempre gostei do esquema de Jung, com as sensações do lado da Terra, as emoções do lado da Água, a intuição do lado do Fogo, as várias formas de razão (razão de tipo acadêmico

e matemático e razão de tipo popular: a palavra certa dita no momento certo) e o agir do lado do Ar. O confeto é “Águar”. Mas não tem razão para não existirem “Fogar” (o *intuiceto*: quando o pensamento racional encontra uma potente intuição, não logicamente comprovável mas que se impõe como “verdade”) e o “Terrar” (sensação-pensamento: quando o pensamento racional toma a forma de sensações fortes: uma ideia surgindo quando estamos dançando, tocando...). Se a criação sociopoética balançar mais do lado do afeto, falaremos de confeto; se balançar mais do lado da intuição, falaremos de intuiceto. Vou dar um exemplo de confeto, e outro de intuiceto, sempre na pesquisa com tema-gerador “O/a cuidador/a ambiental”:

- um confeto: no cuidar ambiental encontramos ou criamos *“Portais transculturais de subtilização, purificação e harmonização instituintes a partir das tensões e conflitos externos e internos”*;

- um intuiceto: *“Revelação progressiva do velado em mim pela desconstrução do mais seguro e pela minha responsabilização no coletivo rumo à criação de dispositivos instituintes de reciprocidade, criadores de sincronidades”*.

Engraçado o fato de que na referida pesquisa, não tecemos confetos sob a forma acostumada na sociopoética de substantivos relacionados por um “-” (por exemplo: “conflitos-internos/externos-harmonização-transculturalidade”); esse tipo de formatação rizomática dá mais espaço para os leitores devanearem, mas o modo como formulamos esse confeto na referida pesquisa tem a vantagem de insistir no *processo*, no agir em curso. Não há regra, é uma questão de gosto e, talvez, de orientação filosófica.

Além dos confetos podemos considerar, fora do pensamento em si (fora de ar elevado ao quadrado!), a “Terráguia” (sensação-emoção: que existe quando o amor se faz, no cuidar etc.), “Terrafojo” (sensação-intuição: penso na homeopatia, ou ainda, na prática da meditação), “Águafojo” (emoção-intuição: algo foi tocado profundamente em mim e assim abriu-se uma paisagem que nem imaginava! Como nas grandes obras de arte? – Pelo menos, do ponto de vista do artista!).

- A identificação do personagem conceitual que realizou a pesquisa através do grupo-pesquisador é importante. Na pesquisa que escolhi de citar aqui, sobre o/a cuidador/a ambiental, fomos como grupo-pesquisador a voz, o porta-voz da *“Coruja da ancestralidade negríndia, mediadora de sincronidades a partir de durações heterogêneas, por desvelar os segredos da noite dentro de nós e estrelar nosso olhar, assim como, tornar um sol nosso coração”*. Voz de Coruja!

É bom lembrar que Deleuze e Guattari (1992) destacam cinco “traços” característicos dos personagens filosóficos: os traços *pático* (emocional), *relacional*, *dinâmico*, *jurídico* e *existencial*. Pode ser interessante identificá-los (detalhes poderão ser encontrados no livro de referência da Sociopoética (GAUTHIER, 2012).

3 I O PERSPECTIVISMO SEGUNDO A SOCIOPOÉTICA

Pensar é *experimental*, dizem pragmatistas como James ou Dewey, e mais perto de nós, os esquizoanalistas Deleuze e Guattari. Brincamos com as perspectivas, os jogos de linguagem e categorização, para treinarmos nossa imaginação criadora e, quem sabe, encontrarmos algo de parecido com o “imaginal” tanto estudado por Corbin (2012) - logo, as formas espirituais e sagradas que tornam o pensamento humano possível: “Isso pensa em mim”; “o Pensamento pensa através de mim” poderia ter escrito Spinoza. Essa mistura pode parecer cada vez menos fina e mais bárbara, mas não podemos nos esquecer de que estamos aqui no Brasil, país de muitas miscigenações, terríveis para os guardiões da pureza. Só um exemplo: o povo brasileiro, não satisfeito com a invenção da Umbanda, mistura de candomblé de matriz africana nagô-jeje-angola com o espiritismo europeu com base na Bíblia semita e na reencarnação oriental (já muitas hibridizações!), criou a Umbandaime, onde o transe ayahuasqueiro de origem indígena se mistura com o transe dançante de origem africana. Deixemos em aberto essa discussão, já que numa certa perspectiva, as medicinas indígenas nativas da Terra foram colonizadas e descaracterizadas pelo cristianismo e espiritismo eurodescendentes nas igrejas e egrégoras daimistas.

“I BWIRI” diziam meus amigos da ilha de Uvea, no Pacífico-Sul, onde defendi meu Doutorado em Educação na Universidade Popular de Kanaky (parcialmente inspirada em Paulo Freire... misturas, misturas...), com, na banca, Ninã Wea, guardião da “palavra-de-honra” da comunidade como presidente, e como membros, os mortos assassinados pelo exército francês na luta pela independência kanak socialista. *I bwiri*, em língua laai, significa “para ver” (ver Gauthier, 1996). Porque o pragmatismo dos indígenas de lá faz com que nada pode ser concluído antes de a gente experimentar. O mundo dos conceitos não está cheio de pureza celestial, ele nasce do útero da terra e da comunidade, com respeito às linhagens ancestrais que já experimentaram a vida e tiraram suas próprias conclusões.

A diferença entre o trabalho sociopoético de criação conceitual num *grupo-pesquisador* e a atualização de energias cognitivas e afetivas ancestrais numa *comunidade indígena* é que os sociopoetas estamos numa área de jogo, estamos brincando com o pensar, dentro do pensar. Eis o nosso “devir-criança”. Será que o futuro da academia depende do nosso jeito de pensar?

Pelo menos somos imunes ao perigo de nos tomar demais a sério, de santificar o nome das nossas criações conceituais. Essas são o conhecimento de parte do seu inconsciente por um determinado grupo-pesquisador num certo momento e lugar, com determinadas técnicas de pesquisa e tentativas de atualização de nossa imaginação criativa através de jogos intelectuais mais ou menos ousados... A academia perceberá tranquilamente (ou não) que descobrimos coisas que ninguém pensou antes. Porque experimentamos. Porque instituímos um grupo-pesquisador pragmático, em situação de abertura ao inédito, à poética do existir e seus desafios, sem reproduzir as classificações e

separações academicamente instituídas. Dito de outro jeito: esquizo-analisamos.

4 | ENTRELUGARES, INCLUSÃO E INTEGRAÇÃO: RUMO A UMA CONCEPÇÃO “DECOLONIAL” DO CONCEITO

No povo Huni Kuin (chamados pelos seus adversários de Kaxinawá - povo morcego), o ideal de pureza étnica é casar com seus primos cruzados conforme à ordem ancestral HIDI do mito pré-dilúvio. Mas, conforme estabeleceram Deshayes e Keifenheim (1994), 80% entre eles não respeitam esse nobre ideal, e casam com outros Huni Kuin, ou outros índios, ou ainda, com não índios integrados no esquema de relacionamentos virtuais aceitáveis. Eles mostram assim que o Self, a flexibilidade que permite a emergência de conceitos (pensar é sempre pensar que penso, pelo menos, dentro da linguagem), não existe sem a alteridade e sem abertura recíproca.

Essa zona de abertura e indeterminação é chamada de KAYABI, zona de “terceiro-incluído”, onde - ao sair do modelo ideal de relações que define o Huni Kuin na pureza - se pode inventar novas alianças e expandir a zona de doação desejável do “eu”, logo, ampliar o “eu”.

Existe uma outra forma de alteridade, chamada de BEMAKIA, que diz respeito ao que não se pode incluir: os Brancos e os Incas, que entram em oposição excludente com os Huni Kuin por causa da opressão/escravidão sofrida; essa oposição e exclusão - sofrida antes de instituída, reativamente, pelo próprio pensamento indígena - supera o fato positivo de os Brancos possuírem as ferramentas metálicas desejáveis, facilitadoras da produção material no dia-a-dia (de fato, os Huni Kuin podem obtê-las através de trocas KAYABI, ao contornarem o perigo branco numa invenção cultural includente, pelas margens).

Essa alteridade BEMAKIA é pensada por Deleuze e Guattari ou Foucault no mundo branco sob forma do que chamam de “molar” e “micropoderes opressores”. Voltando à profundidade da mata e ao seu território ancestral após um contato de escravidão pelos Brancos, os Huni Kuin traçaram uma “linha de fuga” libertadora impossível de ser capturada pelas máquinas de poder colonial.

Mas os Huni Kuin possuem uma ampla zona de indeterminação e criatividade entre o colonial e eles-como-eram-na-pureza-do-mito, zona de indeterminação onde se amplia a rede de relações definindo o Self/Alteridade; tudo que Deleuze e Guattari (1997) não pensam na sua concepção muito binária dos “devires” (devir-índio, devir-mulher, devir-negro, devir-criança, devir-imperceptível - as linhas de fuga minoritárias, frente ao mundo padronizado branco culto macho adulto etc.) pode ser encontrado neste *entrelugar*, fronteira aberta a negociações internas ao povo, numa cultura ativa (numa “agência”) de resistência à presença (neo)colonial e, rigorosamente falando, “do” colonial.

Vejo nos Huni Kuin um pensamento compatível com o pensamento QUEER, onde alterações em relação à identidade idealizada (em qualquer tipo de mito) definem essa zona

da abertura e liberdade sempre movente, *entre* as dualidades incompatíveis. Podemos DEVIR algo que não depende dos dualismos opressivos vigentes, uma composição fora de qualquer definição. Vejo em Deleuze e Guattari uma dependência inconsciente para com o eurocentrismo, na forma do dualismo (pós)cristão, apesar de todas as advertências que eles dão para não moralizarmos a oposição *molar-molecular* em Mal-Bem e para não fizermos dos devires os caminhos da salvação.

Será que a popularidade de Deleuze e Guattari não seria sedutora demais para nosso inconsciente histórico dualista, com aquele corte instituído pela linha de fuga do devir, contra a ordem colonial-capitalista-patriarcal-adultocêntrico... Em bons eurodescendentes, eles pensaram o ideal, a lógica do conceito, mas há de pensar o real - o qual, como sabem muito bem os Huni Kuin - é híbrido: CRIAR CONCEITOS é criar formas múltiplas de KAYABI, com variados coeficientes de alteridade; é enganar a dualidade (Exu sendo em outro contexto o grande trickster, enganador de dualidades e alma da resistência negra ao colonialismo) e potencializar nossa força de resistência.

Jaulin, eminente antropólogo anticolonialista, escreve na página 23 do seu prefácio à referida obra de Deshayes e Keifenheim, 1994: “KAYABI nem é o verdadeiro nem o falso. KAYABI é o lugar da vida, pois é o lugar da sua invenção, abertura, dinâmica.” E a alteridade molar do Branco ou do Inca é a alteridade *que nos recusa* pelo seu comportamento, não aquela que recusamos. Estávamos abertos ao diálogo e à cooperação no sistema de trocas e colaborações, mas fomos silenciados e oprimidos.

No candomblé, Exu é o terceiro-incluídor. Toda forma de vida singular vem dele. A dinâmica da inclusão é oposta à da exclusão que acabei de apresentar: são os orixás que decidem quem vai renascer neles, independentemente da raça, classe, gênero, idade. Quem vai ser incluído. Logo, o que significa ser branco culto (logo, situado no polo opressor) e ser iniciado como filho de santo ou confirmado como ogã? Teríamos aqui a “pureza” do devir-negro segundo Deleuze e Guattari (que muitos negros de pele não conhecem)? Da mesma maneira, Artaud (1971), ao compartilhar a cerimônia sagrada do Ciguri (Peiote) com os Índios Tarahumara do México, teria vivenciado um “devir-índio” (que Índios evangelizados desprezam hoje como satânico)?

Se não quisermos falar em termos de filosofia abstrata e descontextualizada, a resposta não é simples. Podemos apenas pensar em termos perspectivistas: para o candomblé, o branco iniciado recebe um nome africano sagrado e secreto: ele realmente vivencia um devir-negro. E particularmente, nas cerimônias. Talvez seja o mesmo no mundo indígena das sagradas plantas de poder, sem se esquecer de que muitos povos indígenas mantiveram durante 500 anos suas cerimônias sagradas impenetráveis aos não-índios. Será que no caso, quem pode decidir é a própria planta (“Vovó Ayahuasca, será que sou seu netinho mesmo?”). Mas a vida não acontece apenas em cerimônias. Qualquer que seja minha cor de pele e ancestralidade, vivo num mundo capitalista globalizado que conforma até meu corpo e me confere certas posições de “branquitude”.

Logo, a verdadeira questão é: “Quais as hibridizações que estou *criando* no mundo KAYABI do cotidiano?” A resposta é a cada vez individual e contextualizada. Podemos apenas anotar para nossa reflexão própria COEFICIENTES DE RESISTÊNCIA negra, índia, criança, mulher... numa criatividade QUEER aberta ao indeterminado. Isso é a vida. E essas formas de resistência se cruzam, ecoam uma noutra (ou não) etc.

Estava obviamente pensando no conceito como RITORNELO em Deleuze e Guattari (1980). Definir um território, “cirandarizá-lo” e sair dele. Pensamento-pássaro... No meu ver, o conceito não é um classificador de tipo aristotélico como no dicionário, claro. Ele não corte emitindo fronteiras claras e distintas como em Descartes, claro. Ele canta e encanta, e também não se deixa fascinar, capturar. Ele abre para o indeterminado, para o virtual (o real não atualizado, não “tornado visível” – conforme o que o pintor Paul Klee (1989) diz da arte, que torna o espiritual visível). TODO CONCEITO POSSUI UMA CARGA ENERGÉTICA KAYABI. É como um Huni Kuin que decide casar com uma menina Yawanawá. ELE ATUALIZA A ALTERIDADE INDETERMINADA QUE JAZ NELE - E PERTENCE À SUA IDENTIDADE como terceiro-incluído.

Tenho um exemplo: o conceito de “espaço” em Paul Klee. Ele é abertura ao outro que está nele, para a libertação. Todo o trabalho de Klee no Bauhaus foi firmar essa libertação, dentro do projeto estético-social do Bauhaus mas contra o dogmatismo de Gropius: gerar na tela um espaço que apresente o invisível, o musical, o espiritual (não se esquecer de que a arte simplesmente mostra o que não vemos na vida cotidiana – ver Dewey, 2005). Finalmente, o conceito inclui o virtual, ele mostra uma atualização que pode e deve abrir para visões do virtual não atualizado nele. Mas como encontrar limites, pois, tudo parece possível, a partir de qualquer conceito...? Chegaríamos ao silêncio budista, pois na banana que estou comendo há o universo inteiro colaborando para esse momento?

Aqui mesmo precisamos de uma barreira, o BEMAKIA que “não nos quer” (nós e nosso conceito!). Mais exatamente, vamos precisar de percursos para balizar o que é experiencial (o que faz sentido, pragmaticamente falando - não preciso estudar a teoria da Gravitação Universal para entender como a banana chegou à minha boca - e o que não faz sentido, no contexto). Definimos áreas, universos limitados de significação onde um interpretante é possível (ver Peirce, 1995). Aqui mesmo podemos nos *posicionar* - é nossa liberdade.

Um conceito é uma rede de campos semióticos que se auto-alimentam. Banana: “Quem plantou, quem comercializou, e como? Como aconteceu seu crescimento na natureza humanizada e socializada? Como chegou aqui? Quem sou eu comendo-a, e como estou a comendo? Possui um aspecto espiritual”. Mais ou menos isso.

Estou ganhando assim um prêmio para meu Budismo engajado! Ao definirmos zonas de alteridade implicada e outras excludentes (por causa DELES, os opressores!), estamos nos armando na luta pela Paz. Senão, há uma fuga mesma, colonial mesmo, rumo a um Universalismo religioso negando as diferenças, exclusões e opressões - e mesmo,

as diferenças de vida, positivas, as perspectivas energéticas diferenciadas (“Somos todos irmãos!” - logo, submeta-se à ordem universalizante do colonial e nega sua vida-exu individualizada, diferenciada e diferenciadora...). Assim, CRIAR UM CONCEITO É CRIAR ALIADXS!

- “E os espíritos nessa história: qual sua alteridade? Incluída ou excludente?”

- Parece-me que para os Huni Kuin e muitos outros povos da mata, há uma alteridade radical e extremamente perigosa no fundo da mata e no além de mortes-canibais que podem vir nos atormentar e devorar. Mesmo coisa no candomblé com certos Eguns que sugam nossa energia vital, nosso Axé até provocar a morte. Isso é experiencial, serve nada negá-lo a partir de ideologias boazinhas.

Mas pessoalmente, acredito que esses espíritos devoradores da alma e matadores do corpo inexistem fora da nossa *relação* interna com eles. Agem se abrimos espaço-tempo para eles. Por isso há rituais de proteção/purificação, e uma UNIVERSIDADE DA MATA, cujxs Professorxs Titulares são chamadxs Ayahuasca, Jurema, Rapé, oferendas de comida ou tabaco, meditação e silenciamento, rezas... Ou seja, para mim inexistente a exterioridade absoluta BEMAKIA, ela já está em nós, naquilo que La Boétie (2002) chamava de “servidão voluntária”, que começa pelo ódio a si próprio, pelo desamor de si.

Aqui vem a questão da Criança e da psicogênese do Self, com o nascimento, batismo e confirmação do seu apego à escravidão/separação/competição, individuação compulsiva etc.

É isso: quando a criança fala, ela desenvolve um elo interpessoal verbal, com identidades bem definidas e, digamos, «opostas», pelo menos, potencialmente. Nas nossas sociedades capitalistas de consumo individualista, tudo é feito para ela internalizar a sua separação de qualquer alteridade constitutiva do seu Self. Ela entra em competição egoíca (notadamente, na escola), em lugar de ficar aberta ao OUTRO NELA como constitutivo da sua singularidade. Outra coisa: como Stern (1989) mostrou, ela perde o sentimento agudo e prazeroso do existir no afeto, ao recalcar o que fica sem nome, o que não pode ser colocado em palavras nas suas *experiências de BEM-ESTAR pessoal*, em lugar de venerar esse afeto de prazer-sem-nome.

5 | INTERCOMPREENSÃO E VACUIDADE

Na abertura do conceito constituindo a zona de indeterminação KAYABI (que podemos chamar de “QUEER”), temos acesso umx com outrx e umx ax outrx, às memórias ancestrais ou simplesmente experienciais, no conviver: “Sei que estou com sede, e você sabe que sei, como você sabe também que existe algo para me hidratar”. Assim falamos aos nossos guias espirituais, e assim “falávamos sem falar”, comunicávamos intuitivamente com a mãe: o conceito abre para essa dimensão do dito sem ser dito, do silêncio dentro das palavras e das palavras dentro do silêncio (talvez não precisar de símbolos... Estes, só

para gente um pouco dura de compreensão!).

No conceito mesmo, existe esse *espaço* - quinto chakra no Budismo e no Bon xamânico - para a INTERCOMPREENSÃO IMPLÍCITA dentro da alteridade imanente ao Self. Como ser dinâmico, o conceito abre um espaço diplomático para negociações sobre as intenções de cada Self (em mim, pois, meu guia é uma figura do meu Self! Uma alternativa para mim! Dentro de mim!).

A intencionalidade é isso. Visar. Dar e receber, dentro do conceito. Visando o que já me é dado, como diria Winnicott (1975). Aqui chega o Arqueiro Zen, que não precisa atirar, já que acertou desde sempre. Essa é uma dimensão escondida do conceito, que já é silêncio. O erro do Ocidente é ver apenas o jogo do arco-flecha como Yang, expressividade para fora, sem seu complementar Yin do recebimento. Há uma intuição sempre presente no conceito completo, dentro do Logos: FOGAR, para falar como Jung revisitado por mim, como falamos na primeira parte deste estudo. Alimentar o Fogo é silenciar e meditar. Só isso. O grande pensador disso é Nagarjuna (2002) com seu famoso tetralema: “Nem x, nem não-x, nem (x e não x), nem (nem x nem não-x). É com0nos koans Zen: o paradoxo e a indecidibilidade te obrigam a pular fora do pensamento dual, e sentir, intuir, silenciar.

Tocamos aqui no espiritual, mesmo, ao regredirmos ao Sentido do Self da criança de antes da idade de seis meses segundo Stern: existem fluxos de vida, ondas existenciais distintas e sentimos isso energeticamente (conforme teoriza o candomblé sob forma de uma multiplicidade de orixás). Os conceitos não podem ignorar isso: um “conceito-lansã” não é um “conceito-Oxum” etc.

- “Como você configura a ancestralidade nessa sua visão do ‘fazer-conceito’ (muito paradoxal) de antes do conceito?”

- Temos por herança ondas kármicas e genéticas de compreensão-inserção no mundo, comunicação aberta a qualquer modalidade de funcionamento sensorial (uma forma de TERRÁGUA, sentido e afeto, *cuidar e amar dentro dos conflitos, na justiça/justeza e força do coração* - conforme evidenciamos anteriormente). Com as plantas de poder as reabrimos. Assim nos falam os antepassados e a nossa ancestralidade: “AYA-huasca”, o cipó dos espíritos que nos fizeram, que fizeram o que somos, natural e culturalmente! Narby (1995) fala de acesso ao DNA da vida universal através do transe ayahuasqueiro... Não sei. Somos pré-estruturados para viagens espirituais, com certeza - e no mundo do corpo, do seu enraizamento na ancestralidade, que é a fonte onipresente e presente em nenhum lugar, de qualquer gesto cotidiano.

6 | CONCLUSÃO

Nos conhecimentos que os grupos-pesquisadores sociopoéticos criam – personagens conceituais, problemas, *confetos*, *intuicetos*, *sensacetos* e outras composições inter-elementares que não integram o Ar, a Razão, o conceito, há um espaço para a vacuidade

e o silêncio meditativo, potencializadores da construção cooperativa de saberes sólidos, fluentes, gasosos ou plasmáticos (neste caso, saberes de trovão e raio, saberes Xangô, saberes-lansã). Tudo acontece como se o Amor *transpessoal* colocasse o grupo-pesquisador em posição de artista, no caos criador de antes do existir, fora do tempo e do espaço, e num devir em afinação sensível nunca acabado (ver Almendro, 2004; Blin e Chavas, 2011). Pesquisar é da ordem do *ÁICAÍRQ da consciência coletiva e individual: Á de Atenção/ Afeto, I de Intensificação, C de Caotização, A de Ampliação, Í de Integração/Inclusão, R de Recolhimento e Q de Quietude*. É uma forma de conscientização energética, de vista sobre o virtual dentro daquilo que está no aqui e agora, atualizado.

Vivenciamos um “devir-criança” de antes do conceito e da linguagem, onde o experienciar é global, transsensitivo e transsensual, de coração aberto aos ritmos do grupo e além dele, do universo, das ancestralidades presentes nas noites dos nossos dias.

Encontramos um nova forma de devir, a partir do espaço-tempo KAYABI, bem próximo daquele “entrelugar” de que fala Bhabha (2001), orientado por agências pós-coloniais inspiradas em Fanon (1961). Estranho *devir-kayabi*, híbrido e aberto, criador de novos regimes identitários, múltiplos e heterogêneos, que bebem na fonte da ancestralidade para aceitar alterações positivas (que aumentam sua potência de agir, sua alegria).

Esse devir é o caminho, o caminhante e o caminhar, ou seja, na linguagem de hoje, o “amor”. Pois o caminho é um não-caminho: as sementes de vacuidade estão desde sempre aqui no coração. O grupo-pesquisador apenas abre a possibilidade de dar uma voz, ou múltiplas vozes, ou silêncio dentro da voz, desta semente. O grupo-pesquisador pode ser considerada a árvore xamânica ligando o submundo da ancestralidade à espiritualidade celestial, pela mediação dos canais energéticos e das consciências humanas (postura ZHAN ZHUANG no Tai Chi Chuan). Cada integrante do grupo-pesquisador se encontra ao mergulhar dentro do seu poço sem fundo, e se dissolve no coletivo sensível e inteligente, ao se conectar com todxs xs outrxs – e além, e além.

Com efeito, no grupo-pesquisador podemos vivenciar coletivamente uma invenção imprevisível e perigosa de individualizações impessoais (*hecceidades*, segundo Deleuze e Guattari, 1997), através de portais entre multiplicidades heterogêneas (é exatamente o que acontece em viagens xamânicas, dos quais Deleuze e Guattari escrevem a teoria! – Faltando apenas a noção de *metamorfose*, diferente da de *devir*). Isso cria um plano de proliferação de intensidades sem sujeito, de contágio por vizinhança entre moléculas imperceptíveis pertencendo a mundos que normalmente nunca se encontram, um Corpo sem Órgãos percorrido de devires e de zonas de gozo, irredutível às oposições binárias de tipo “masculino/feminino”. Daí surgem segredos de bruxaria, fora dos mundos científicos, artísticos e filosóficos racionalizados.

Em Deleuze e Guattari, essas zonas de indeterminação e de passagem “entre” que caotizam as categorias molares tais como “Homem”, “Mulher”, “Branco”, “Índio”, “Negro”, “Adulto”, “Criança”, “Letrado”, “Xamã” etc. são em primeiro lugar os “devir-mulher” e

“devir-criança”, criando linhas dentro de uma máquina de guerra, um “devir-minoritário” onde se esvaziam, com todas as dualidades instituídas, as oposições mulher-homem e criança-adulto. Assim, podemos induzir da sua reflexão que percebemos o imperceptível, os secretos dos diferenciais de velocidade e lentidão que caracterizam a vida, ao ligarem o elementar com o cósmico (devir-índio no transe ayahuasqueiro, devir-negro no transe do candomblé).

Mas “encontramos-criamos”, como diria Winnicott (1975) outra forma de devir, híbrido, pós-colonial e decolonial, com os indígenas Huni Kuin ou Bhabha após Fanon: a linha de fuga Yang para a fonte na perigosa escuridão da mata, ou para se ligar como guerreiros, rizomaticamente, a outros “mundos”, é uma astúcia necessária para mergulhar no sem-forma e poder assim, potencializado/a, receber, acolher Yin novas formas, numa lógica de mutações indefinitas.

No meu ver, mergulhamos em úteros e universos pré-uterinos, cuja teorização futura pode receber a potente ajuda de Barbara Tedlock (2008) e Jamie Sams (2011): a invenção híbrida no seu aspecto lunar e menstrual, dentro da paciência e perseverança que, segundo o próprio Lao Tse comentado pelo mestre taoísta Wu Jyh Cherng (2011), se atinge apenas ao tocar na vacuidade, além de qualquer oposição ou polarização, na união entre consciência e energia.

Todas essas razões convergem para que diferentemente de Deleuze e Guattari consideremos o *devir-vacuidade* o devir mais radical permeando qualquer experiência (intelectual ou não) - e não o devir-mulher, conforme apontam em *Mil Platôs*. Temos outras boas razões para substituímos o seu conceito de CsO, “Corpo sem Órgãos”, pelo *confeto* de CcC-V, “Corpo com Coração-Vacuidade”. Já se pode intuir por quê.

A forma mais radical de pensamento decolonial é o retorno a nossas origens xamânicas, ao percorrermos não apenas devires, mas também, metamorfoses revelando num mesmo gesto a vacuidade em nós e nos 10.000 seres (ou seja, na tradução ocidental, “na pluralidade das formas de existência reais e virtuais”): eis a Cultura da Paz.

REFERÊNCIAS

ALMENDRO, M. **Psicología transpersonal**: conceptos clave. Madrid: Martínez Roca, 2004.

ARTAUD, A. **Les Tarahumaras**. Paris: Gallimard, 1971.

BHABHA, H. n. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2001.

BLIN, B. e CHAVAS, B. **Manuel de psychotérapie transpersonnelle**. Paris: InterEditions, 2011.

CLASTRES, P. **A fala sagrada** – mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. Campinas: Papirus, 1990.

CORBIN, H. **L'imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn 'Arabi**. Paris: Entrelacs, 2012.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mille Plateaux**. Paris: Minuit, 1980.

_____. **O que é Filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **10. 1730 – Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível**. In: Mil Platôs. Vol. IV. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DESHAYES, P. e KEIFENHEIM, B. **Penser l'autre chez les Indiens Huni Kuin de l'Amazonie**. Paris: L'Harmattan, 1994.

DEWEY, J. **L'art comme expérience**. Paris: Gallimard, 2005.

FANON, Frantz. **Les damnés de la terre**. Paris: Maspero: 1961.

GAUTHIER, J. **Les écoles populaires kanak: une révolution pédagogique?** Paris: L'Harmattan, 1996.

GAUTHIER, J. **O oco do vento** - Metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: CRV, 2012.

KLEE, P. **Du spirituel dans l'art, et dans la peinture en particulier**. Paris: Denoël, 1989.

LA BOÉTIE, E. **Discours de la servitude volontaire**. Paris: Payot, 2002.

LAO TSE. **Tao Te Ching** - O livro do caminho e da virtude. Ed. do mestre taoísta Wu Jyh Cherng. São Paulo: Mauad X, 2011.

NAGARJUNA. **Stances du milieu par excellence**. Paris: Gallimard, 2002.

NARBY, J. **Le serpent cosmique: l'ADN et les origines du savoir**. Genebra: Georg, 1995.

PEIRCE, C.S. **Semiótica**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1995.

SAMS, J. **Les 13 mères originelles: la voie initiatique des femmes amérindiennes**. Paris: Véga, 2011.

STERN, D. **Le monde interpersonnel du nourrisson**. Paris: PUF, 1989.

TEDLOCK, B. **A mulher no corpo de xamã: o feminino na religião e na medicina**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

WINNICOTT, D.W. **Jeu et réalité: l'espace potentiel**. Paris: Gallimard, 1975.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aristóteles 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 108, 109, 111

B

Biopolítica 45, 54, 55, 56

D

Democracia 5, 8, 15, 37, 77

Dialética 3, 7, 11, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31

E

Educação 10, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 16, 36, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 76, 77, 85, 95, 99, 114, 115

Educação bancária 10, 59, 61, 62, 63

Emancipação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 16, 43, 66, 68, 71, 109

Ensino de filosofia 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 85

Exercício de si 66, 67, 68, 73

F

Filosofia 1, 2, 8, 9, 10, 16, 17, 18, 20, 23, 24, 31, 43, 46, 47, 58, 59, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 94, 95, 101, 107, 114, 115

H

Humanidade 5, 6, 9, 10, 11, 13, 15, 22, 29, 31, 60, 64, 77, 78, 80, 82, 83, 84

I

Inclusão 41, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 72, 100, 101, 105, 115

Interculturalidade 95

N

Normalização 45, 53, 54, 56

P

Política 9, 10, 11, 12, 15, 16, 19, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 42, 43, 49, 71, 76, 81, 82, 84, 87, 91, 94, 108, 109, 111, 113, 115

R

Racionalismo 1, 2, 24

S

Sociopoética 95, 96, 97, 98, 99, 107

T

Tendências pedagógicas 59, 63, 64

Teoria crítica 1

U

Ubuntu 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

V

Verdade 1, 8, 13, 18, 19, 23, 28, 30, 31, 34, 35, 37, 38, 43, 48, 51, 57, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 98, 109

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br